

Usina de Saberes em Comunicação: Uma Experiência de Educação Autopoiética¹

Profa Dra Maria Luiza Cardinale Baptista²

Professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Diretora da Pazza Comunicazione, Brasil

Este artigo é o relato do processo de construção de uma cartografia bibliográfica, denominada Usina de Saberes em Comunicação, através de parcerias e envolvimento coletivo de alunos e professores da graduação em Comunicação Social da UNISINOS e da UFRGS. Trata-se de um levantamento, com o objetivo de se constituir em uma espécie de mapa mínimo para pesquisadores iniciantes. A cartografia está sendo produzida em cinco linhas: teorias, tecnologias, práticas, produtos e metodologia. Partindo da lógica rizomática, essas linhas vão se ramificando, se entrelaçando, para também permitir vislumbrar conexões. Trabalha com pressupostos da visão sistêmica e de complexidade, sinalizando para a importância de acionar processos autopoéticos e mobilizadores do sujeito. Os resultados envolvem o processo grupal de produção do saber e a disponibilização de mais de 2200 referências classificadas.

Palavras-chave: usina, saberes, comunicação, cartografia, autopoiese

¹ Trabalho apresentado no XVI Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação, **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**.

² Jornalista, Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Autora do livro Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos e diversos artigos, principalmente abordando a interface Comunicação e Psicologia e a perspectiva Paixão Pesquisa em Comunicação, a Metodologia da Sensibilidade. malu@pazza.com.br.

Usina de Saberes em Comunicação

Uma Experiência de Educação Autopoiética

Usina de textos, de referências bibliográficas, de resenhas. Usina de pesquisadores. Campo da criação de saberes, pelo sabor de compartilhar e aprender. Esta é a idéia do Projeto Usina de Saberes em Comunicação, coordenado por mim, Maria Luiza Cardinale Baptista, a Malu, no Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/Brasil).

Durante mais de dez anos ensinando pesquisa em Comunicação, observei as agruras dos pesquisadores iniciantes, no momento em que se deparam com a necessidade de pensar o tema e, mais que isso, o que eu chamo de Objeto Paixão Pesquisa. Em geral, trata-se de um momento em que o estudante de Comunicação parece dar-se conta que, para criar, é preciso ter o que relacionar. Então, no caso da produção das pesquisas acadêmicas, dos saberes, a criação implica também, claro, em mergulhar em uma espécie de universos de referência da 'substância' conhecimento. E, neste momento, o garimpo de textos transforma-se em árdua - e encantadora, lógico! - empreitada. Tenho procurado sempre ser parceira dos meus alunos, seres apaixonados por Comunicação, como eu. Agora, com o projeto Usina, compartilho um trabalho que vem sendo produzido a muitas mãos, 'costurando' vidas que se encontram e se dispõem a entregar a produção a quem interessar possa. Há muitos parceiros do projeto Usina. Parceiros diretos e indiretos. Alguns produzem sínteses, outros participam de reuniões... gente que vem vibrando com a proposta de aprender com prazer e, depois, partilhar saberes. Nós, da Usina, estávamos esperando que você chegasse... Seja Bem-Vindo!

Este é o texto com que apresento o projeto Usina de Saberes em Comunicação. É um texto emocional-emocionado. Esta certamente é uma das marcas do projeto e do processo que acredito estar acionado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, inicialmente, e agora também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Usina surgiu de um projeto de pesquisa na UNISINOS, denominado Cartografia de Saberes em Comunicação, visando à constituição de uma trama de saberes na área, quanto a teorias e tecnologias, analisada a partir da perspectiva cartográfica. Assim, desde o início do projeto, tenho claro que a proposta representa uma iniciativa, ao mesmo tempo, grandiosa e singela. Grandiosa, pela dimensão da 'teia-trama' de fios teóricos que a compõem, bem como pelo aspecto quantitativo de produções com as quais nos deparamos. Singela, porque significa a produção de uma bibliografia comentada de referência.

A iniciativa surge do trabalho direto com pesquisadores iniciantes, durante mais de 10 anos, e da observação da necessidade de dispositivos orientadores, de construção de pistas para auxiliá-los nas trilhas iniciais da pesquisa em Comunicação. Muitas vezes, é possível percebê-los como quem tem que/deseja percorrer o caminho (da construção do problema do Trabalho de Conclusão) e não sabe, ainda, com quem (com que autores) contar para essa ‘viagem’ acadêmica. Claro que o próprio processo de busca constrói a investigação, mas, se pudermos oferecer dispositivos que acolham esses momentos iniciais, temos a chance de otimizar as produções, minimizar ansiedades e, assim, auxiliar o trabalho dos alunos e professores de projetos, bem como os orientadores de Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, para as áreas em que a bibliografia é escassa, este estudo pode se constituir num primeiro ‘garimpo’ a subsidiar o pesquisador, como ponto de partida.

O problema que se coloca tem como fator desencadeador, portanto, a própria necessidade dos investigadores iniciantes, diante da ‘floresta’ de textos de Comunicação. A delimitação ‘teorias e tecnologias’ sinaliza aspectos dos procedimentos operacionais (metodologia na pesquisa) e das estratégias gerais de abordagem (LOPES, 1990). Na execução da pesquisa, entretanto, acabei por dar vazão à proposta maior, que vinha montando nestes anos de ensino de pesquisa. Comecei a montar a teia-trama a partir de cinco fios e não apenas dois. Trata-se de linhas que percebo fundamentais costurar para a produção de pesquisas em Comunicação. Além dos dois iniciais – teorias e tecnologias - a trama compõe-se, também, de práticas, produtos e metodologias.

A proposta relaciona-se, ainda, ao contexto comunicacional contemporâneo. Tenho abordado, em textos, aulas e palestras em congressos, a idéia de caos informacional a que estamos submetidos. A overdose informacional produz um certo estonteamento nos sujeitos, tornando difícil o processamento de informações. Atualmente, diante das inúmeras possibilidades de acesso à informação, a questão não é mais quantidade, mas qualidade de processamento, em menos tempo.

A perspectiva envolvida aqui é a transdisciplinar, o que significa que esse “campo do saber” está sendo pensado não como ‘lugar estanque’, mas como campo de complexidades que se cruzam, entrelaçando-se com as diversas áreas do conhecimento. Assim, não há preocupação em delimitar fronteiras no sentido de limite, mas, diferente disso, busca-se

explicitar as relações – e aqui temos fronteira, no sentido do que une ou do que permite o encontro com a diferença.

O detalhamento desse projeto implica na explicitação de uma série de conceitos. O primeiro deles é o de trama. Parto do sentido literal... “Trama. (do lat. Trama). S.f. 1. O conjunto dos fios passados no sentido transversal do tear, entre os fios da urdidura. 2. Tela (...). 5. Fig. Enredo, intriga, teia. “ (FERREIRA, 1986, p. 1698). Quer dizer, quando digo “trama de saberes”, claro, estou utilizando uma metáfora para simbolizar também entrelaçamentos, para explicitar que esses saberes também se cruzam como numa teia e vão tecendo novos enredos de saberes, trama. São saberes que, se encontrando, se misturam, se tocam, ainda que tendo suas peculiaridades. Encontro de saberes, trama.(BAPTISTA, 1996;2000; CAPRA,1997)

O termo ‘saberes’ está sendo utilizado aqui para explicitar a multiplicidade inerente ao campo do conhecimento, o que indica de antemão uma determinada visão de ciência, não moderna, mas atenta aos pressupostos da lógica da complexidade (MORIN, 1991, 1993; MOURA, 1994), da visão sistêmica(CAPRA, 1991, 1997; CREMA, 1989) e do que se pode chamar de uma ciência Pós-moderna (SOUSA SANTOS, 1995,1997; VATTIMO, 1996). Não se propõe, evidentemente, à idealização de dar conta de tudo o que já foi publicado até hoje, mas de abordar extensivamente as imbricações Comunicação e outras Ciências.

O conceito de comunicação com que trabalho: Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo multidirecional de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. (BAPTISTA,2000). Este conceito foi construído a partir da fundamentação em Guattari (1992), entre outros autores (MORIN, CAPRA, 1991, 1997 LÈVY, 1993, 1996, 1998; KERCKHOVE, 1995), no que tange à dimensão a-significante da comunicação. Guattari aborda questões relativas à produção da subjetividade e às produções semióticas das mídias, da informática. Segundo ele, essas produções operam no núcleo das subjetividades, não apenas por conteúdos que atingem as memórias e as consciências dos sujeitos, mas também que tocam sua sensibilidade, seus

afetos, seus “fantasmas inconscientes”. Assim, apresenta o pressuposto da heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção da subjetividade:

1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc. 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escampam então às axiomáticas propriamente lingüísticas. (GUATTARI, 1992, p.14)

Ao abordar a comunicação como interação complexa de sujeitos, considero também níveis mais profundos e sutis dessa interação. O sujeito aqui está pensado como campo de forças, singularidade que se constitui a partir de muitas, múltiplas marcas, múltiplos ‘atravessamentos’. Poder-se-ia dizer, múltiplas influências. Trata-se de um ser singular, porque sua constituição é ímpar, mas que não pode ser isolada (totalmente) dos outros sujeitos. O sujeito só existe em relação ao Outro e esse outro é tudo o que é não eu. Os processos comunicacionais, em seus fluxos comunicacionais significantes e a-significantes, vão tramando esse sujeito. É no jogo das interações múltiplas – com os outros sujeitos, os ambientes, os objetos, as substâncias as mais diversas – que vai surgindo esse sujeito da comunicação. Vale ressaltar, neste sentido, que o a-significante não é a-significacional. É possível haver interação porque há o jogo das significações compartilhadas, mas este não ocorre, neste caso, a partir de elementos significantes. Trato, aqui, do que eu venho chamando de Comunicação Abstrata, fluxos intensos de universos existenciais de referências, que interagem no plano dos afetos, do que toca, sensibiliza e informa na interação, sem que isso implique a existência de um suporte significante. Reconheço que esta perspectiva não está suficientemente abordada nas Teorias da Comunicação, mas seu aprofundamento e sua sustentação teórico-conceituais fazem parte dos meus desafios de investigadora em Comunicação Social. Sua abordagem não é o foco desta pesquisa, mas certamente permeia os pressupostos epistemológicos que a orientam, na medida em que está no cerne do conceito de comunicação com que trabalho. Vale destacar, neste sentido, que estes pressupostos consideram que a mudança de visão por que passa a produção da ciência convida o sujeito pesquisador contemporâneo ao reconhecimento das incertezas da não nitidez, do campo do não nítido, sutil, como grande possibilidade de aprofundamento da compreensão dos fenômenos. Igualmente, há que se pensar na Usina como usina de sujeitos dos saberes com suas implicações singulares e a possibilidade/tentativa de mobilizar seus desejos de autopoiese

através do conhecimento. Assim, parece pertinente aprofundar alguns aspectos para a compreensão das premissas apresentadas neste projeto.

Desafios e Implicações Metodológicas

Um primeiro grande desafio do projeto é o que se pode chamar de crise dos paradigmas (CAPRA, 1990, 1991, 1997; CREMA, 1989; MATURANA, 1998; MEDINA, 1990-1991; MEDINA e GRECO, 1994; RESTREPO, 1998), momento de questionamento de grandes referências, de visões de mundo norteadoras de opções, em todas as instâncias da pesquisa – epistemológica, teórica, metódica e técnica. Esta espécie de “surto questionador” meio que estonteia o pesquisador, trazendo insegurança, expondo-o em uma espécie de ‘mercado’ acadêmico, caracterizado pela multiplicidade de visões. Diante disso, vale ressaltar que a Usina não se propõe como a grande verdade ou, menos, como única possibilidade de estruturação do conhecimento em Comunicação. De outro modo, sinaliza o potencial de uma sistematização, criteriosa, cuidadosa, que ainda não está totalmente definida em todos os seus “nós”, mas que aponta para uma produção provocadora de outros saberes, de interlocuções e que se propõe ao agenciamento de outras pesquisas.

Outro desafio com implicações metodológicas é a incorporação de uma concepção de Ciência, a partir da visão sistêmica. Tenho dito que corre nas nossas veias um sangue mecânico-reducionista-cartesiano, que vem sendo injetado, em várias transfusões, com pequenas mudanças, desde o final do século XVI e início do século XVII. Este sangue carrega uma concepção de mundo e, claro, de Ciência. O desafio aqui, então, está na mudança dessa concepção, para uma visão que contemple as dimensões de complexidade, mutação, rumo a produção do conhecimento que reconheça as interferências da subjetividade e o aspecto fundante da emoção.

A Usina está construída segundo a lógica sistêmica de teia trama. Recorro, aqui, então, diretamente aos critérios da teoria sistêmica (CAPRA, 1997, p.46): o primeiro deles é a **mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes**. Isto implica em dizer que a Usina não pode ser considerada/analisaada em um dos seus itens/trilhas bibliográficas. Para compreendê-la, em sua totalidade, é preciso buscar e compreender as relações.

Um outro critério trata da **capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos**

‘**pré-conceitos**’ - ainda que considerando as peculiaridades das propriedades sistêmicas de um determinado nível, ou seja, das chamadas “propriedades emergentes” deste nível. Então, as construções das trilhas e as opções de classificar devem ser percebidas como abordagem dos fenômenos a partir do que eu venho chamando de ‘trilha referencial’ e não ‘camisas de força’, que endurecem o processo.

O terceiro critério envolve a **compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações**. Ressalta-se novamente a importância de pensar em termos de redes e o desafio de trabalhar com as relações. Nesse sentido, temos a compreensão de que uma das grandes dificuldades é o processamento adequado dos dados obtidos, no que tange ao seu cruzamento.

Outro critério sistêmico, totalmente pertinente ao processo da Usina é a **ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica**. Trata-se da mudança da ciência objetiva para a epistêmica, onde a epistemologia integra a teoria científica. Esta mudança representa a necessidade de um aprofundamento da reflexão sobre a produção, sobre o fazer ciência, rediscutindo ‘os lugares’ de onde se parte, bem como explicitando-os. Além da minha própria reflexão como sujeito que iniciou a ‘teia-trama’, os pressupostos epistemológicos, teóricos e metódicos do processo, bem como suas implicações com o ensino-aprendizagem, têm sido amplamente discutidos com os parceiros.

O quinto critério da visão sistêmica nos fala sobre **a compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas**. Estas passam a ser vistas como limitadas e aproximadas. “*A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva.*” (CAPRA, 1997, p.49). Isto nos leva, na questão operacional, a ressaltar a humildade de quem produz, com dedicação, mas sabendo estar, incorporado integralmente às peculiaridades de um objeto construído. Isto implica, claro, na sua construção, como uma espécie de jogo de escolha múltipla, envolvendo especificidades difíceis de serem contempladas pelo seu caráter de complexidade.

Há, ainda, o critério relacionado **à lógica processual - a estrutura do sistema vista como manifestação de processos subjacentes**. O aspecto processual foi enfatizado por Ludwig von Bertalanffy³, no final da década de 30 e depois explorado pela teoria cibernética,

³ Este biólogo austríaco é conhecido por ter sistematizado os primeiros princípios de organização dos sistemas vivos. Há, no entanto, registros de que Alexander Bogdanov, médico, filósofo e economista russo, concebeu uma teoria

década de 40. O desafio de abordagem dos fenômenos em sua dinâmica, como processo de vida, considerado em suas mais complexas dimensões. Esse critério está no cerne da proposta da Usina, relacionando-se diretamente, também ao seguinte: o **caráter efêmero/ mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente.**

O vínculo da Usina com outro critério já foi salientado. Trata-se da **dimensão de entropia (desordem) nos sistemas** - a ciência que se desorienta, tentando se re-orientar. Remete-nos à herança de um arsenal de saber e de descobertas tecnológicas que difundiram a informação e o conhecimento amplamente nestes últimos séculos. A facilidade de acesso às informações, a uma enorme quantidade de informações, mais estonteia que esclarece. No caso da Usina, o cotidiano é marcado pela tentativa de convivência com o caos informacional. A proposta é apresentada justamente como dispositivo de enfrentamento, já que os dados obtidos em uma investigação são muitos, múltiplos, não controláveis totalmente e, pela grandiosidade de seu volume, muitas vezes “entopem” o sujeito, a pesquisa. Travam o processo. Orienta-se, portanto, ao que Morin⁴ (1991, p.89) chama de “recursão organizacional”, muito bem representado pelo autor pela metáfora do redemoinho.

Trata-se de lidar com o caos decorrente da entropia informacional, mas considerando o efeito redemoinho, observando onde ocorrem as recursões organizacionais, para, a partir daí, construir nossas representações do real. *“A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade.”* (MORIN, 1991, p. 89)

Por fim, pode-se acrescentar um aspecto decorrente dos critérios – mas não menos importante. Defino este aspecto da seguinte maneira: **a ciência se sensibiliza**. Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista. É Usina de textos e de pesquisadores. Subjetividades que se entrelaçam na produção, Universos em transmutação, acionados pelo prazer de saber, de produzir conhecimento em uma relação de ensino aprendizagem terna. Prazer de ver-se em

geral dos sistemas, intitulada Tectologia, entre 1912 e 1917. Tectologia, do grego tekton = construtor, pode ser traduzida como ‘ciência das estruturas’ (CAPRA, 1997, p.p. 50-51)

processo de reinvenção pela aventura/captura do contato com os autores – pesquisadores sujeitos-parceiros.

Por fim, a expressão ‘cartografia’ está sendo usada aqui no sentido que Rolnik(1989) a utiliza, ou seja, como uma espécie de mapeamento que se faz, acompanhando a mutação da paisagem. Quer dizer, uma bibliografia comentada é essencialmente isso, algo que se produz, enquanto o cenário bibliográfico se transforma num processo contínuo.

Aspectos Metodológicos

A perspectiva da metodologia é qualitativa, buscando, a partir do processamento profundo dos textos em questão, a produção de textos-síntese. Estou chamando de processamento profundo a um trabalho de qualificação do levantamento bibliográfico e de sua descrição. É importante, neste sentido, a apresentação de um conjunto de estratégias que dizem respeito à prática de cartógrafa.

Vale resgatar, então, como foco da pesquisa, a delimitação ‘teorias e tecnologias’. Essa delimitação surge da compreensão dos saberes em comunicação, a partir das teorias que foram produzidas a respeito, e saberes em comunicação, considerando o conhecimento pertinente às várias tecnologias comunicacionais. A partir dessa delimitação, penso um segundo estágio de focalização. No caso das teorias, estão sendo organizados seus textos-síntese seguindo a subdivisão ‘panorâmica’ – livros que trazem uma visão geral sobre diversas teorias – e ‘foco’ – livros com uma abordagem voltada prioritariamente a uma das grandes vertentes: Comunicação e Cidadania, Comunicação e Cultura, Funcionalismo, Economia Política da Comunicação, Educomunicação, Escola de Frankfurt, Grandes Teóricos, Marketing, Pós-Modernos, Psicologia da Comunicação, Semiótica, Teoria da Dependência, Teoria da Recepção e Visão Sistêmica. A seleção dos itens representa um esforço de síntese. Neste sentido, evidentemente, é passível de questionamentos, o que é fator intrínseco a qualquer recorte.

A abordagem dos textos sobre as tecnologias comunicacionais também envolve a subdivisão ‘Panorâmica’ – livros que abordam o processo de desenvolvimento das tecnologias da Comunicação – e ‘Foco’ – livros que enfatizam alguma tecnologia, em

⁴ Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente. Segundo MORIN, a complexidade pode ser pensada com base em três princípios: o diálogo, a recursão organizacional e o princípio hologramático.

especial. Como tecnologias comunicacionais, estão sendo considerados, aqui, os dispositivos/veículos de comunicação: Cinema, Desenho e Comunicação Visual, Escrita, Fotografia, Internet, Jornal, Música, Rádio, Televisão. Esta seleção também visa à sistematização de um elenco, estando sujeita a ajustes/complementações.

A pasta de Metodologias contempla textos que possam auxiliar quanto às questões operacionais de pesquisa, bem como os que trazem discussões acerca do caráter epistemológico e teórico de produção do saber.

No caso das Práticas Comunicacionais, há a classificação seguinte: Assessoria, Comunicação Empresarial, Comunicação e Ética, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Realização Audiovisual e Relações Públicas. Já a linha Produtos Comunicacionais contém: Comunicação e Religião, Histórias em Quadrinhos, Outras Mídias (adesivos, boletins, fanzines, etc.), Programas de Auditório, Revista, Telenovela. As categorias mencionadas representam conteúdos em que se verificou uma certa concentração de publicações. Devem, portanto, ser ampliadas com novos itens, à medida que o levantamento avança.

As técnicas de coleta de dados previstas para esta pesquisa relacionam-se ao próprio levantamento e sua operacionalização, que deve acontecer da seguinte maneira: *mapeamento dos textos com base nos critérios acima descritos; *leitura/releitura; *fichamento; *discussão em grupo; *seminários; *redefinição dos níveis organizacionais, conforme os textos selecionados; *redação do texto-síntese. *publicação. A partir da leitura, fichamento e discussão em seminário, os textos estão sendo descritos em síntese, envolvendo os seguintes aspectos: Temática, Contextualização (enfoque e aspectos principais), Referencial Teórico, Metodologia e Conclusões.

Como já foi salientado anteriormente, o projeto se desenvolve com a contribuição voluntária de alunos e professores, bem como o trabalho de um aluno bolsista, Lucas Colombo. Há uma vibração, uma alegria, caracterizando o que vivemos nesses processos de autoprodução. A noção de autopoiese apresentada por Maturana e Varela (1997) tem sido experienciada amplamente na Usina de Saberes em Comunicação.

[...] o ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado no operar, e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares[...]. E esta rede de produções de componentes, que resulta fechada sobre si mesma, porque os componentes que a produzem constituem ao gerar as próprias dinâmicas de

produções que a produziram e ao determinar sua extensão como um ente circunscrito, através do qual existe um contínuo fluxo de elementos que se fazem e deixam de ser componentes segundo participam ou deixam de participar nessa rede, o que neste livro denominamos de autopoiese. (MATURANA e VARELA, 1997, p. 15)

O levantamento atual está disponível no site www.comunica.unisinos.br/pesquisaemcomunicacao. Há mais de duas mil e duzentas referências classificadas, mas este é apenas o resultado visível. Há, certamente, outros níveis de produção, igualmente ricos, que resultam dos encontros, discussões e da potencialização da existência de alunos-pesquisadores iniciantes. Ressalto também, como resultado, a valiosa participação de colegas, que entenderam o ‘espírito’ da Usina, envolvendo-se ativamente nesta espécie de ‘mutirão’ do saber. Nessas alturas, somos muitos e somos poucos. Estamos aguardando você e suas contribuições: malu@pazza.com.br.

Referências Bibliográficas do Projeto Inicial

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos. Canoas: ULBRA, 1996.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2000.

BARBERO, Jesus Martin. De Los Medios a las Mediaciones. Comunicación, Cultura y Hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. “Panorama Bibliográfico de la Investigación Latinoamericana en Comunicación: 1985-89”. In: TELOS, N. 19.

_____. “América Latina e os Anos Recentes: o Estudo da Recepção em Comunicação Social”. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito, o Lado Oculto do Receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BELTRAN, Luís Ramiro. “Estado y Perspectivas de la Investigación en Comunicación en America Latina”. In: Memorias de la Semana Internacional de la Comunicación. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana de la Facultad de Comunicación Social, 1981.

BERTOLINI, P. et alii. I Bambini e la TV. La Prima Ricerca sull’esperienza Televisiva dai 3 ai 6 anni. Milano: Feltrinelli Economica, 1976.

BOUGNOUX, Daniel. Introdução a Ciência da Comunicação. Bauru/SP: Edusc, 1999.

BRETON, Philippe. A Utopia da Comunicação. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 2º Edição, São Paulo: Atlas, 1989.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREITAS, Ricardo Ferreira. “Shopping Centers: Ilhas Urbanas das Pós-Modernidade”. In: RECTOR, Monica e NEIVA, Eduardo (orgs.). Comunicação na Era Pós-Moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.

GILDER, George. A Vida após a Televisão. Tudo sobre os Últimos Progressos em Torno da Televisão Interativa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GIOVANNINI, Giovanni. Evolução na Comunicação. Do Sílex ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOMES, Pedro Gilberto. Tópicos de teoria da comunicação. São Leopoldo/RS: ed.Unisinos, 1995.

GOMEZ, Guillermo Orozco. “Notas Metodológicas para Abordar las Mediaciones en el Proceso de Recepcion Televisiva”. In: Dialogos, N. 2, junho de 1990.

_____. Recepcion Televisiva: Tres Aproximaciones y una Razón para su Estudio. México: Universidad Iberoamericana, 1991.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. 3. ed. Campinas: Papirus, 1981.

_____. Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____ e ROLNIK, Suely. Cartografias do Desejo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUINSBERG, Enrique. “Recuperar el Estudio del Receptor. Dialectica Subjetivo-Social en los Medios Masivo”. In: Telos, N. 25, março de 1991.

HARVEY, David. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HAVELOCK, Eric. A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais. São Paulo: UEP, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. “A Equação Oralidade – Cultura Escrita: uma Fórmula para a Mente Moderna”. In: Cultura, Escrita e Oralidade. São Paulo: Ática, 1995.

HOINEFF, Nelson. A nova televisão. Desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Comunicação Alternativa e Relume Dumará, 1996.

KERCKHOVE, Derrick. La Civilizzazione Video-Cristiana. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1995.

_____. A Pele da Cultura. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica. Lisboa: Relógio D’água, 1997.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Anpliadas. São Paulo, Brasiliense, 1994.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. O que é Virtual? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. A Ideografia Dinâmica. Rumo a uma Imaginação Artificial? São Paulo: Loyola, 1998.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES LIMA, Sandra Lúcia. História & Comunicação. São Paulo: EBART, 1989.

LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno Explicado às Crianças. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MADRID, Javier Esteinou. “Ciespal y la Ciencia de la Comunicación”. In: CHASQUI – Revista Latinoamericana de Comunicación, N. 11, julho-setembro, 1984.

MACHADO, Arlindo. A Arte do Vídeo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. No Fundo das Aparências. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro (coord.). Pensar-Pulsar. Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.

_____. Sociedade Tecnológica. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINO, Luis C. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação. CD-ROM. Anais do XXI Congresso da INTERCOM. Recife, 1998.

MARTINO, Luis C. O Mal Estar na Comunicação. Anais do Seminário Internacional FELAFACS (Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social): Tendencias de la investigación en comunicación en América Latina. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 20 a 22 de julho de 1999.

MARTINO, Luis C. “Elementos para uma epistemologia da Comunicação”. V ALAIC (Congresso Latino-Americano de Investigadores da Comunicação), Santiago do Chile, Universidade Diego Portales, abril de 2000.

MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. Para Navegar no Século XX. Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs e Sulina, 2000.

MATTELART, Armand y Michele. O Carnaval das Imagens. A ficção na TV. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. “La Recepcion: el Retorno al Sujeto”. In: Dialogos de la Comunicación, N. 30, junho de 1991.

MATTELART, Armand e Michèle. Histórias das Teorias da Comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

MATURANA ROMESÍN, Humberto e VARELA GARCÍA, Francisco. De Máquinas a Seres Vivos: Autopoiese: a Organização do Vivo. 3.^a edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAGAS, Miguel de. Teorías de la Comunicación. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. São Paulo: Instituto Piaget, 1991.

_____. “O pensamento em ruínas”. In: A decadência do futuro e a construção do presente. Florianópolis: UFSC, 1993.

MOURA, Maria da Conceição A.. “Caminhos Cognitivos da Complexidade”. In: MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton (orgs.). Saber Plural – Novo Pacto da Ciência 3. São Paulo: ECA/USP/CNPq, 1994.

_____. (org). Novo Pacto da Ciência 3. A Crise dos Paradigmas - I Seminário Transdisciplinar São Paulo, ECA/USP, 1990 – 1991

NÖTH, Winfried. Panorama da Semiótica. De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

- PARENTE, André (org.). Imagem Máquina. A Era das Tecnologias do Virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- POSTMAN, Neil. Tecnopólio. A Rendição da Cultura à Tecnologia. São Paulo, Nobel, 1994.
- RASTIER, François. “Complexidade Semântica e Contexto”. In: RECTOR, Mônica e NEIVA, Eduardo (orgs.). Comunicação na Era Pós-Moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RESTREPO, Luís Carlos. O Direito à Ternura. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- REY, Marcos. O Roteirista Profissional. Televisão e Cinema. São Paulo: Ática, 1989.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Linguagem Autoritária. Televisão e Persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. São Paulo: Liberdade, 1989.
- RÜDIGER, Francisco. Introdução à Teoria da Comunicação. São Paulo: Edicon, 1998.
- RÜDIGER, Francisco. Ciência social crítica e pesquisa em comunicação/Trajectoria histórica e elementos da epistemologia. São Paulo: Unisinos, 2001.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. Introdução à Teoria da Comunicação. São Bernardo do Campo: IMS, 1992. (Coleção Pistas).
- SFEZ, Lucien. Crítica da Comunicação. São Paulo: Loyola, 1994.
- SOUSA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito, o Lado Oculto do Receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Boaventura. Introdução a uma ciência pos-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. 2. ed., Porto: Afrontamento, 1990.
- _____. Um Discurso sobre Ciências. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1997.
- _____. A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOURAINÉ, Alain. Crítica da Modernidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. De Cuerpo Presente. Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana. Barcelona: Espanha, Gedisa, 1992.
- VATTIMO, Gianni. La Sociedad Transparente. 2. ed. Paidós Ibérica, 1996.
- WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.